

**O contemporâneo em Hélio Serejo:  
marcas representativas do hoje em sua obra**

*Adrielly Ferreira Vilela*  
**Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Brasil**

Eu sou o homem desajeitado e de gestos xucros que veio de longe. Eu sou o homem fronteiriço que, na infância atribulada, recebeu nas faces sanguíneas os açoites desse vento, vadio e aragano, que, no afirmar da lenda avoenga, nasce nas terras incaicas, num recôncavo do mar, varre o altiplano boliviano, penetra o imenso aberto do Chaco Paraguai, para depois, exausto do bailado demoníaco, numa cólera e estrupício de tormenta, arrebentar, cortante e gélido, na cidade de Ponta Porã, a Princesa da Fronteira, sentinela avançada das terrarias mato-grossenses. Eu vim dos ervais, meus irmãos, do fogo dos “barbacuás”, do canto triste e gemente dos “urus”, dos bailados divertidos, dos entreveros dos bolichos das estradas, do mais hirsuto da paulama seca, do pôr-do-sol campeiro, dos dutos, das encruzilhadas e das distâncias perdidas. Eu sou filho da “jungle”, sou gaudério de todos os pagos, apaixonado das querências e cria de todos os galpões da terra. Eu vim de longe, eu sou um misto de poeira de estrada, de fogo de queimada, de aboio de vaqueiro, de passarada em sarabanda festiva no romper da madrugada, de lua andeja rendilhando os campos, as matas, as canhadas, o vargado. Sou misto, também, de índio vago, cruza-campo e trota-mundo.

(SEREJO. *Balaio de Bugre*, p. 7)

Helio Serejo nasceu no município de Nioaque-MT (hoje MS), na Fazenda São João, zona da Água Fria, no dia 1º de junho de 1912. Sua produção literária se estende através de 60 obras publicadas. Foi jornalista, trabalhou e colaborou nos periódicos: Folha do Povo, de Ponta Porã; Revista A Fronteira, de Ponta Porã (de sua propriedade); A Gazeta, O Município e O Liberal, de Presidente Venceslau-SP (onde morou durante boa parte de sua vida); Correio Paulistano e Jornal do Folclore, da capital

de São Paulo; Revistas Vida Doméstica e Boa Nova, do Rio de Janeiro; Jornal A Noite, do Rio de Janeiro; e Diário de Ponta Grossa, Ponta Grossa-PR, assim como consta no site da Academia Mato-Grossense de Letras. Foi um escritor regional que se propôs a registrar a cultura de Mato Grosso do Sul, desde seus povos, costumes e língua (dialetos, variações linguísticas e expressões típicas da região). Neste trabalho falaremos de como toda produção do escritor se manifesta na cultura, hoje e de que forma, e pretendemos destacar principalmente de que forma ele se projeta para o futuro e porquê sua obra pode ser considerada contemporânea mesmo sendo de época e locais tão específicos, para tanto nos valeremos mais especificamente da obra *Zé Fornalha*, de 1976.

Serejo faz parte de um seleto grupo de escritores regionais, e pensando nessa amálgama de escritores, que trabalharam ao longo de suas carreiras com o registro de sua cultura local, e dialeto informal, e que vivenciaram a cultura regional caipira, seja em Mato Grosso do Sul ou qualquer lugar do país, além do interesse pelo conhecimento intelectual em prol de um registro dos saberes e cultura locais; acredito que há um desejo universal de se projetar e lançar para a posteridade sua produção local a um nível globalizado, assim ocorre ao se lançar um olhar crítico sobre o trabalho acerca das culturas locais que vemos presente na literatura brasileira.

É interessante que se note a postura de Serejo que não se limitou apenas em registrar os traços da cultura local sul-mato-grossense, como também se considerava, se sentia e fazia de fato parte dos povos representantes de uma cultura específica brasileira, principalmente em seu grande registro sobre o trabalho realizado na região fronteira do estado de MS, fronteira entre Brasil-Paraguai, no cultivo e produção de erva-mate. O escritor realmente vivenciou aquela experiência, trabalhando nos campos ervais juntamente com seu pai, no então estado de Mato Grosso, na época:

Durante longos anos, viajei pelo sul de Mato Grosso, numa peregrinação peripiciosa, auxiliando meu pai em sua rude atividade ervateira.

Hoje aqui amanhã ali, íamos rompendo o sertão tangidos pelo vento cruel de um destino sempre ingrato...

(SEREJO, sd, p. 5)

Sua simplicidade e a sua produção bibliográfica singela como podemos observar na citação acima era composta por livros muitas vezes não datados que eram lançados e impressos em gráficas sem auxílio de editoras, Serejo sempre fez jus a sua postura sincera repassada através de seus escritos, e demonstrava tal fato ao afirmar sempre, assim como fez em seu discurso de posse na Academia Ponta-Foranense de Letras: “Eu sou o homem desajeitado e de gestos xucros que veio de longe” (SEREJO, 1995, p. 57).

Neste trabalho me proponho mais detidamente, a analisar a obra *Zé Fornalha*, de Helio Serejo, visando destacar o tipo de narrativa, como ela se desenvolve, definir o gênero da obra e analisar também as personas presentes na narrativa. Opto por personas e não por personagens, pois de acordo com o filósofo italiano Giorgio Agamben, “persona significa originalmente “máscara” e é através da máscara que o indivíduo adquire um papel e uma identidade social” (AGAMBEN, 2014, p. 77).

Na obra *Zé Fornalha* é possível notar que os personagens são representações dos povos do então estado de Mato Grosso, típicos donos de fazenda, pessoas mais humildes, trabalhadores peões.

.As principais personas são: Galdino Poca, um homem simples, humilde, sem muito estudo, mas um exímio trabalhador e conhecedor das terras e dos animais da região; seria ele, um típico peão. O Major Ananias, é um médico dono de terras, rico, provavelmente um dos poucos com estudo que vive pela região do sertão, retratada na narrativa; Bastiana, uma mulher de pouca instrução intelectual e de poucas condições financeiras, que sofreu muito na vida, mãe da principal persona da narrativa, o José Maria de Jesus (*Zé Fornalha*); *Zé Fornalha*, persona mais importante da narrativa, tanto que dá título ao livro, é um menino órfão, de origem humilde, mas que com a morte da mãe acaba sendo criado por um homem de posses, o major Ananias; há também a persona Aninha, uma mulher que é bastante próxima da mãe de *Zé Fornalha* e que tem por ele grande afeição, assim acaba ajudando na criação do menino. A narrativa se inicia

com o nascimento de Zé Fornalha, que já nasce em meio a muitas dificuldades; num dia de tempestade forte, o Major Ananias que possui conhecimentos médicos desloca-se, guiado por Galdino Poca, de sua residência até o pequeno vilarejo onde Bastiana está prestes a dar à luz; com a demora da chegada do Major Ananias, Bastiana que já estava em graves condições de saúde, acaba não resistindo ao parto, mas o major com a ajuda de Aninha e de Galdino Poca, consegue salvar a criança. Salvo da morte, mas orfão, Zé Fornalha ganha uma nova família ao ser criado por major Ananias, com a ajuda de Galdino Poca e Aninha. Zé Fornalha cresce feliz e agradecido por possuir uma família formada por grandes amigos que o ajudam a superar suas dificuldades e realizar seus sonhos. Esse desejo universal de todo ser humano seja ele de onde for de realizar seus sonhos, coloca a obra de Hélio Serejo em um patamar global e projeta-se para o futuro revelando seu cunho contemporâneo. Todo ser humano em qualquer lugar em qualquer época poderá se identificar com essa obra, pois todos partilhamos de sentimentos como a saudade e temos nossos anseios.

Analisando as personas da narrativa percebe-se que essa estória sobre povos que vivem em regiões remotas, de pouco conhecimento formal, tem muita relação com a história do estado de Mato Grosso do Sul, estado típico por suas regiões latifundiárias, e povos que trabalham com o gado e com a terra. Essas características formam a cultura caipira, que assim como em toda cultura, anseia por uma identidade que a represente, e para que os povos de determinada cultura sejam representados por uma identidade, é preciso que eles se reconhecem a partir dela. Para Giorgio Agamben:

O desejo de ser reconhecido pelos outros é inseparável do ser humano. Tal reconhecimento lhe é, aliás, tão essencial que, segundo Hegel, cada um está disposto, para obtê-lo, a colocar em jogo sua própria vida. Não se trata, de fato, simplesmente de satisfação ou de amor próprio: ou melhor, é somente através do reconhecimento dos outros que o homem pode constituir-se como pessoa. (AGAMBEN, 2014, p. 77.)

Desse modo, é possível afirmar a partir da proposição de Agamben que as personas do livro Zé Fornalha, de Serejo, servem de representação social para o povo da região Centro-Oeste, mais especificamente o então estado de Mato Grosso, na época em

que Serejo escreveu. Assim é possível dizer que Helio Serejo compôs essas personas com o intuito de obter reconhecimento de sua obra como parte de uma representação cultural regional. Tais representações podem ser consideradas como construções importantes para a formação e manutenção de uma memória cultural. Serejo retrata não apenas uma estória típica, mas retrata um povo, com suas características, modo de viver, e modo de falar; que são representantes de determinada região do país, a representação desse povo, dessa cultura, formam um constructo que dá origem a sua obra, e a caracteriza como particular e específica, dando seu tom de originalidade, ela é representativa, logo leitores que terão acesso a ela poderão desenvolver uma identificação com a mesma.

Serley dos Santos e Silva em *Helio Serejo: as faces da memória no universo do poeta ervateiro*, afirma que está presente na narrativa de Serejo uma memória espectral, essa memória espectral tem de acordo com a autora “seu princípio de criação na memória autoral” (SILVA, 2001, p. 9). Ainda na esteira do pensamento de Silva, “não se vê na memória autoral um processo de repetição de memórias anteriores, porém, a construção de uma memória espectralizada, com grau significativo de representação, estabelecida pelo próprio (des)arquivamento dos elementos depositados.” (SILVA, 2011, p. 11). Ela ressalta a partir de Orlandi, “[...] não há como não considerar o fato de que a memória é feita de esquecimentos, de silêncios. De sentidos não ditos, de sentidos a não dizer, de silêncios e de silenciamentos (Eni P. Orlandi)” (ORLANDI *apud* SILVA, 2011, p. 13)

Para Silva:

O eco metaforiza os elementos mnemônicos permeáveis nas nervuras da memória. O silêncio não é mais condicionado a um estado de prostração, de esquecimento na veia do tempo. Há um espaço não dito, não revelado, sobreposto nas camadas da memória, como um palimpsesto. Num processo arqueológico, as camadas são retiradas lentamente; cada uma delas trazendo em sua gênese significados não traduzidos, mas que produzem sentido único nesse espaço supostamente delimitado. Para retirar as camadas, pressupõe-se que o pretenso explorador esteja revestido de certa autoridade que lhe confere essa possibilidade. As camadas encontram-se nas esferas umbralinas da memória. Ao serem retiradas, o explorador imerge no

conteúdo depositado. Os conteúdos são notadamente reconhecidos nos signos não mensurados, impressos e inscritos nas camadas da memória. Digamos que se abrem nelas pequenos sulcos perceptivos e receptivos que propiciam o não-silenciamento. (SILVA, 2011, p. 13-14)

A memória espectral mencionada pela pesquisadora Silva, pode ser relacionada à mãe de Zé Fornalha, que perdura em sua memória e na dos amigos que ajudaram a cuidar dele devido à sua perda. A memória espectral pode ser relacionada à memória coletiva que povos de culturas específicas possuem. Os povos do estado de Mato Grosso do Sul, por exemplo, possuem uma memória relacionada ao campo, ao trabalho do homem do campo, o vaqueiro, o pantaneiro, e mesmo pessoas em Mato Grosso do Sul que não desenvolvem atividades que fazem parte dessa realidade conseguem relacionar o estado à cultura caipira. Muitas vezes a cultura caipira se mantém em um lugar de esquecimento fazendo com que essa memória precise ser lembrada, e redescoberta a partir do processo de escavação das camadas da memória como relata Silva. Dessa forma o trabalho de Serejo de registrar essa cultura local, torna-se uma missão importante e mesmo sendo específica de um determinado povo se mantém em um campo global pois ainda trata de assuntos universais como a construção de uma memória coletiva.

É importante salientar que na narrativa as construções se dão a partir de metáforas, exemplo disso é o porongo, “elemento metafórico que supõe um espaço de recepção e de acumulação das histórias dos ervais” (SILVA, 2011, p. 10).

Na obra analisada aqui tem-se a persona que representa o sonho, no caso o próprio Zé Fornalha, o sonho nos remete aos nossos desejos mais inconscientes. Silva nos traz que Freud nos ajuda a entender melhor essa questão, pois para ele “o inconsciente retém nossos desejos que a censura, a ética e a moral submetem e não permitem que sejam expressos no consciente. Freud, estudando os sonhos de seus pacientes, observou que eles continham mensagens simbólicas significativas...” (SILVA, 21001, p. 15).

Voltando-se, agora, mais especificamente para a obra *Zé Fornalha*, e o modo como Serejo desenvolvia o seu registro literário, e se nos debruçarmos aos postulados da pesquisadora, Enid Matsuda Frederico, podemos observar que:

Ao longo de nossa história literária, percebemos que muitos autores, na tentativa de reproduzir a fala caipira, selecionavam como traço apenas o léxico regional, que era introduzido cá e acolá no texto de registro culto e, ademais, colocavam o termo ou expressão entre aspas, como que para marcar a diferença: - vejam, quem fala assim e usa este termo é o caipira, e não eu! As aspas acabaram por tornar-se o símbolo das diferenças entre o narrador culto, pertencente a uma camada social superior, e o seu outro, a personagem rústica. Tirar as aspas foi um esforço tremendo: Afonso Arinos, por exemplo, optou por colocar a fala do vaqueiro “em forma sintática”, temendo a ininteligibilidade do texto pelos leitores, que afinal de contas, eram urbanos e cultos. Outros, como Valdomiro Silveira, tiraram as aspas, mas usaram o glossário: a questão da inteligibilidade era e é real. (SILVEIRA, 2007, p. 21.)

Frederico se preocupa em preparar o campo da literatura local, vai fundo ao traçar um percurso histórico situacional da literatura e cultura caipira, mostrando que a cultura caipira vai além da variante linguística, e perpassa pelo local geográfico (já que a cultura caipira desenvolve-se principalmente na zona rural), bem como realidade social, pois os povos do campo muitas vezes não têm acesso à educação formal culta, todas essas marcas estão presentes na literatura de Serejo, e dessa forma é composta por uma característica comum e específica de originalidade de determinada região e cultura do país, e o mais importante representativa, o escritor se preocupa com o seu papel social, deixando assim inscrito através de sua obra o sentimento de pertença, de fazer parte de um determinado grupo social que possui representatividade, são as *histórias locais* que a partir de Hélio Serejo se projetam e têm assim a chance de se desenvolverem e se tornarem *projetos globais*<sup>1</sup>

A representatividade cultural no caso do autor sul-mato-grossense Helio Serejo, se dá além do registro histórico local e do registro de personagens que podem ser de fato “encontrados” na realidade como o vaqueiro, o pantaneiro, e o ervateiro, etc,

pois ainda podemos destacar a questão do registro das marcas linguísticas às vezes ele usa aspas, às vezes não; nas situações em que não há o uso de aspas, há sempre um glossário disponível ao final do livro. É pertinente levarmos em consideração a diversidade cultural e a grande proporção geográfica do país, em casos como este. Na obra *Zé Fornalha* não há glossário, mas quando tem-se uma fala demorada de determinada persona, as aspas desaparecem e reaparecem para marcar palavras específicas registradas ao modo como são ditas, na página 56 do livro inicia-se um parágrafo que se estende até a página 57, onde o autor não faz uso das aspas, registrando assim: “O chêro da graxa da madeira, do côro, das cordas e das cangas, tira a brabeza... Si quisé tê laço forte, resistente, qui num inleia, seque na sombra em lugá di vento, uns treis dias pra si trançá.” (SEREJO, 1976, p. 56). Seguindo mais adiante com o texto percebe-se o aparecimento de aspas destacando palavras em casos específicos: “Machucou a pelota do “sentadô”... Fez uma cara feia... gemeu baixinho para não acordar o amigo...” (SEREJO, 1976, p. 57). Nota-se que é parte da fala do narrador, mas mesmo assim o autor faz questão de marcar o falar caipira fazendo assim o uso de aspas nas palavras informais ou grafadas a seu modo de fala. Assim o autor mostra seu intuito proposital de marcar o dialeto caipira, pois ele é também uma forma de representação da cultura.

Isso coloca a literatura em questão, em um patamar de representatividade cultural, assim como as personas de Serejo, no que afirma Agamben (2014) quanto à *aquisição de um papel e uma identidade social*.

Outro ponto importante para se pensar na importância da obra de Hélio Serejo nos dias atuais seria a reflexão acerca da revolta dos povos indígenas já destacado por ele na época e também em relação a violência exacerbada e sempre recorrente na região de fronteira Brasil-paraguai. No universo narrado por Helio Serejo, essas características também se encontram presentes, principalmente em cenas que retratam a vida dos povos alocados mais especificamente na região de fronteira do então estado de Mato Grosso, local bastante caracterizado pela violência:

Não foi só a hedionda chacina de Sacaron, que no idioma guarani significa canela de boi, que abalou esses mundos perdidos e de uma civilização nascente imprevisível em cujas terrarias argentinas e paraguaias eram senhores absolutos principalmente os primeiros eternamente arrogantes, e atrabiliários, que invariavelmente se mantinham impunes, protegidos e guiados por forças políticas ponderáveis... (SEREJO. 1978, p. 10.)

No trecho do livro *7 Contos e uma Potoca*, de Helio Serejo, vemos retratada uma situação bastante comum na fronteira, onde pessoas detentoras de poder dominam outros homens que não possuem o mesmo poder não havendo assim outra alternativa que não a de se submeter aos poderosos “donos” daquele local.

Voltando ao livro *Zé Fornalha*, passarei agora para questões de gênero e me delimitarei nas questões da narrativa.

Serley dos Santos e Silva, escreve em relação à narrativa do escritor Serejo, que “as histórias cantam as suaves melodias do homem do erval, que tem como casa abençoada o céu pincelado de estrelas. Um peregrino, que veio dos charcos, hoje aqui, amanhã ali. Traz impregnado na alma o cheiro da erva mate, que sorratamente fica na quentura do corpo” (SILVA, 2011, p. 69-70).

Para a pesquisadora:

Na narrativa serejoana, a voz do narrador tende a uma versão clássica. A presença espectral ascende na forma clássica de narrar, contando suas histórias na roda de tereré, do chimarrão, do churrasco nas proximidades do rio, pelo tropeiro, cortador de chão, que vem dos rincões para adentrar a selva árdua do ervais (SILVA, 2011, p. 77).

Podemos observar na obra de Helio Serejo e constatar a afirmação de Silva em trechos de *Zé Fornalha*, como os seguintes: “Progresso e civilização? Impiedade e ganância, isso sim! Enriquecimento de meia dúzia de graúdos, inextruculosos, com a desgraça e a morte de centenas de heróis anônimos, donos autênticos do chão, dos quais estavam sendo miseravelmente expulsos...” (SEREJO, 1976, p. 92).

Podemos notar também um certo saudosismo, ou uma preocupação com a manutenção de uma tradição do local e preservação da terra, que tem suma importância

para a cultura local dos povos da região sul-mato-grossense, uma vez que é um típico lugar camponês. Quando Serejo narra e descreve lugares e pessoas e como as situações ocorrem na região, ele o faz como Silva caracterizou, ou seja, com *histórias de suaves melodias*:

Mas ambos os viajores estavam com os olhos colados no Alto. Viviam, unicamente, o esplendor da grande concha do infinito. Estavam embevecidos... Tudo viera mesmo como o Poca previra. Aquilo tudo, aquele painel deslumbrante, era a “bonança”. A tempestade se fora com o seu séquito diabólico... (SEREJO, 1976, p. 15)

A respeito do gênero, constata-se à primeira vista que se trata de um romance, mas ao analisarmos mais atentamente, podemos classificar a obra *Zé Fornalha* como uma novela se considerarmos as características específicas desse gênero.

Obviamente que há características de um romance presentes na narrativa, mas, se pensarmos na questão da hibridização, que não é algo contemporâneo, e como sabemos que o gênero não é puro é possível então considerar que *Zé Fornalha*, trata-se definitivamente de uma novela.

É possível levar em conta o tempo na narrativa para uma melhor análise do gênero. De acordo com Benedito Nunes em *O tempo na narrativa*, as marcas temporais ressaltam a própria caracterização do gênero. Exemplo disso é quando o autor trata dos gêneros épico e dramático: ele explicita que, o épico e o dramático se aproximam devido ao tempo de suas respectivas narrativas, pois ambos os gêneros são desenvolvidos de maneira a tornar claro os fatos ocorridos na narrativa, os eventos que ocorrem são colocados diante do leitor.

O tempo cronológico está ligado ao aspecto físico e torna-se importante para pensarmos a obra *Zé Fornalha*. Segundo Nunes, a ordem de datas importantes como páscoa e natal são usadas como referências, e tornam-se o eixo necessário para a relação do tempo cronológico. Então essa ordem a partir de datas é acrescentada à cronometria e

relacionada com o tempo em questão na narrativa. Na narrativa da obra *Zé Fornalha*, o tempo é o cronológico, pois se relaciona com o nascimento crescimento e desenvolvimento da principal persona.

De *A personagem de ficção*, podemos retirar duas constatações importantes: a primeira é a diferença entre a persona e as pessoas reais. Apesar de podermos reconhecer muito dos povos de Mato Grosso do Sul nas personas do livro de Helio Serejo, não podemos esquecer que se tratam de representações do real e não a realidade em si. Uma das características da personagem de ficção é que esta faz parte de um mundo mais fragmentário. A segunda constatação importante é em relação à construção da persona na obra de uma forma abrangente, considerando sua aparência física, seu caráter, etc., desse modo dá-se contorno à personagem com elementos concretos que os aproximam dos seres humanos do mundo empírico, com suas características físicas e psíquicas, além dos valores que constroem o ser: religião, moral, ética. Características desse tipo são primordiais para a construção de uma obra ficcional pois ajudam na construção de representações de seres humanos definidos. Assim podemos constatar que a obra de Helio Serejo cria importantes representações dos povos do Estado de Mato Grosso do Sul, em uma obra de ficção bastante precisa, pois o que faz da obra um bom trabalho não é seu valor real ou ficcional mas sim a concretude de base dos personagens criados para a obra, e em que medida esses personagens podem conquistar e convencer o leitor mesmo não sendo reais. Desse modo temos um trabalho de representação do real.

© **Adrielly Ferreira Vilela**

## Notas

É importante salientar que a ideia de histórias locais e projetos globais vêm do crítico pós-ocidental argentino, Walter Mignolo, esse conceito pode ser verificado em seu livro *Histórias Locais/ Projetos Globais: colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar*.

## Referências

AGAMBEN, Giorgio. *Nudez*, Trad. Davi Pessoa Carneiro. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2014.

CANDIDO, Antonio; ROSENFELD, Anatol; PRADO, Décio de Almeida; GOMES, Paulo Emílio Salles. *A Personagem de Ficção*. 5ª ed. São Paulo: Perspectiva, 1976.

NUNES, Benedito. *O tempo na narrativa*. 2ª ed. São Paulo: Ática, 1995.

SEREJO, Hélio. *Balaio de Bugre*. São Paulo: Presidente Venceslau. (sd)

SEREJO, Helio. *Balaio de bugre*. Tupã: Gráfica e Editora Cingral, 1992. Edição especial.

SEREJO, Helio. *Zé Fornalha*. São Paulo: Presidente Venceslau, 1976.

SEREJO, Helio. *7 Contos e uma Potoca*. São Paulo: Presidente Venceslau, 1978.

SILVA, Serley dos Santos e. *Hélio Serejo: as faces da memória no universo do poeta ervateiro*. Jundiaí: Paco Editora, 2011.

SILVEIRA, Valdomiro. *Lereias*. São Paulo: Fontes, 2007.

Site da Academia Mato-Grossense de Letras, biografia de Helio Serejo. Disponível em: <http://www.academiadeletrasmt.com.br/cadeiras/cadeira-18/126-helio-serejo> Acesso em: 25 de março de 2016.